

Boa tarde

Senhoras e Senhores

Para aqueles que não me conhecem. Sou membro do Parlamento Europeu nas Comissões ITRE e dos Orçamentos. Sou neste momento a relatora do Programa Específico de Execução Horizonte 2020.

Antes de mais, gostaria de agradecer o vosso convite para participar no evento dedicado à Universidade como dínamo do empreendedorismo.

O principal objectivo do meu discurso de hoje é dar inputs para a discussão sobre a importância da modernização das Universidades e descrever o impacto do H2020 neste domínio. O Horizonte 2020 é o próximo programa-quadro europeu para a investigação e inovação, correspondente ao período de 2014-2020. Gostaria ainda de falar sobre o Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia no contexto do Horizonte 2020.

O papel das Instituições de Ensino Superior e a necessidade de modernização

Para enfrentar os desafios actuais, é essencial que o sistema de ensino superior, como um todo, se adapte às novas circunstâncias. Precisamos de indivíduos que possam contribuir activamente para o desenvolvimento económico e bem-estar das sociedades em que vivem. Como tal, as Universidades estão particularmente bem posicionadas para enfrentar este desafio.

Temos que preparar a Europa para os grandes desafios do século XXI, como a crescente interdependência da economia global, a crescente concorrência dos mercados internacionais, o envelhecimento da população europeia e preservar, ao mesmo tempo, os valores comuns e os direitos fundamentais da Europa.

O Deutsche Bank Research, o Banco Mundial e o Instituto de Estudos Políticos de Singapura prevêem que em 2020 as maiores economias do mundo sejam os EUA, China, Índia e Japão. A parcela do PIB mundial produzido pelos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) deverá diminuir de cerca de 55% em 2000 para 40% em 2030. Dadas as tendências actuais, se não agirmos com urgência, a percentagem de investigação europeia pode um dia representar menos de 10% da produção mundial de conhecimento.

A riqueza da Europa está no conhecimento e no seu povo; peças-chave para o crescimento, o emprego e coesão social.

A formação da União Europeia tem sido até agora a nossa melhor resposta para enfrentar esses desafios. Queremos liderar o caminho para o futuro, a fim de preservar o nosso ideal europeu de sociedade. O modelo europeu combina o sucesso económico e a responsabilidade social.

Para enfrentar os desafios do século XXI, temos de agir em conjunto e rapidamente nas seguintes áreas: investigação, inovação, universidades, energia e alterações climáticas. É urgente melhorar as condições para a promoção da inovação, como os mercados competitivos, e mobilizar recursos adicionais para as actividades de investigação, desenvolvimento e inovação. O Conselho Europeu reiterou a importância de todos os Estados-Membros investirem 3% do PIB em investigação e desenvolvimento até 2020.

A educação e a formação são pré-requisitos para o bom funcionamento do triângulo do conhecimento (ensino - investigação - inovação) e desempenham um papel fundamental para estimular o crescimento e o emprego. A Comissão

Europeia estabeleceu como meta investir 2% do PIB em educação. Esta meta é fundamental para modernizar o ensino superior, para garantir a qualidade da formação profissional e para implementar as estratégias nacionais de aprendizagem ao longo da vida.

As universidades são fundamentais para o reforço da sociedade do conhecimento pois reúnem a educação, investigação e inovação. Em muitos aspectos, as universidades detêm a chave para a economia e para a sociedade do conhecimento.

As Universidades formam um número sempre crescente de alunos com qualificações cada vez mais elevadas e contribuem para o reforço da competitividade da economia europeia: um terço dos europeus trabalham hoje em sectores do *knowledge intensive* (mais de 40% em países como a Dinamarca e Suécia).

As universidades também contribuem para o emprego e a coesão social, e ajudam a melhorar o nível geral da educação na Europa. Hoje, mais jovens europeus têm um diploma do ensino superior comparativamente às gerações anteriores.

Mais qualificações irão ajudar as pessoas a encontrar melhores

empregos e a capacitar as economias europeias com maior potencial de inovação. Também é importante lembrar que um trabalhador mais qualificado terá mais probabilidades de se tornar um membro ativo da comunidade.

Em todo o mundo, mas particularmente na Europa, as universidades ainda enfrentam uma necessidade de se adaptarem a uma série de mudanças profundas.

Na Europa apenas 21% da população da UE em idade activa atingiu o ensino superior, significativamente menor do que os EUA (38%), Canadá (43%), Japão (36%), bem como Coreia do Sul (26%).

É extremamente importante manter e reforçar a excelência do ensino e da investigação, sem comprometer o nível de qualidade oferecido, e ainda garantir o acesso amplo, justo e democrático.

No ensino superior, os países da UE gastam em média apenas 1,1% do PIB, muito abaixo do Canadá (2,5%), dos EUA (2,7%) e da Coreia do Sul (2,7%). Isso deve-se principalmente a um baixo nível de investimento privado da indústria e das famílias na Europa. Para a Europa alcançar os números dos EUA, teria

de gastar um montante adicional de 150 bilhões por ano no ensino superior.

Em média, as universidades americanas têm mais recursos financeiros do que as universidades europeias, duas a cinco vezes mais, se calculado por aluno. Os recursos trazidos pelos próprios alunos, inclusive pelos estudantes estrangeiros, explicam em parte essa diferença. Mas as universidades americanas também beneficiam de um elevado nível de financiamento público, inclusive através de investigação e da defesa e muito do financiamento privado, especialmente para a investigação fundamental, vem do sector empresarial e de fundações.

O contínuo agravamento do sub-financiamento das universidades europeias compromete a sua capacidade de atrair e reter os melhores talentos e de reforçar a excelência da sua investigação e das actividades de ensino. Só o aumento do financiamento público não chega. É urgente aumentar e diversificar as receitas das universidades, através do aumento do financiamento público para a investigação e ensino, das contribuições privadas, criando um sistema fiscal favorável para atrair doações privadas, através da criação de um quadro

regulamentar que permita às universidades tirar partido de suas atividades de investigação e, por último, as contribuições dos alunos, sob a forma de propinas e inscrição apoiadas por um forte sistema de acção social para os alunos carenciados, a fim de permitir um acesso democrático ao ensino superior.

As universidades europeias cada vez atraem menos alunos e, em particular, menos investigadores de outros países quando comparadas com as suas contrapartes americanas. Os EUA, proporcionalmente, atraem mais estudantes de outros países que desejam ter formação em níveis avançados em áreas como engenharia, matemática e informática. Os EUA também são mais bem sucedidos em manter os doutorados: cerca de 50% dos europeus que adquiriu as suas qualificações nos EUA mantêm-se lá por vários anos, e muitos deles ficam permanentemente. As universidades europeias oferecem um ambiente menos atraente para os investigadores e estudantes. Isto é em parte devido ao facto de muitas vezes não terem a necessária "massa crítica", o que os leva a optar por abordagens de colaboração, por exemplo, através da criação de redes, cursos conjuntos ou diplomas. Mas outros factores, fora da influência das universidades, também podem desempenhar um papel importante, por exemplo, a rigidez do mercado de trabalho ou o menor empreendedorismo

implica menos oportunidades de emprego para os licenciados e doutorados em sectores inovadores da Europa.

A cooperação entre as universidades e a indústria deve ser intensificada a nível nacional e regional, bem como orientada de forma mais eficaz para a inovação, o arranque de novas empresas e para a transferência e disseminação de conhecimento. Do ponto de vista da competitividade, é vital que o conhecimento circule entre as universidades, as empresas e a sociedade. Os dois principais mecanismos através dos quais o conhecimento e a experiência adquiridos e desenvolvidos pelas universidades podem ser transferidos para a indústria são: o licenciamento da propriedade intelectual da universidade, e *spin-off* e *start-up* das empresas. Estes mecanismos facilitarão a disseminação do conhecimento junto do tecido industrial da UE, incluindo as PME dos sectores tradicionais.

O Horizonte 2020

Gostaria agora de destacar uma série de pontos-chave relativos ao Horizonte 2020 que merecem especial atenção. Começaria com uma avaliação geral do Horizonte 2020 e referiria a importância:

- da excelência e da *stairway* para a excelência,
- da simplificação
- e a importância de construir sinergias entre o Horizonte 2020 e os fundos estruturais.

Para finalizar a discussão sobre o H2020, sublinharia a importância de um financiamento adequado.

1) Avaliação global do Horizonte 2020

Natureza do processo envolvido: Sob as atuais regras de "co-decisão", a Comissão propõe ao Parlamento, o qual nomeia um relator que, em seguida, apresenta uma série de modificações que são posteriormente aprovados ou não a nível de Comissões e depois a nível de Plenário. Ao mesmo tempo, o Conselho prepara uma série de opiniões que definem a sua posição sobre o assunto. Segue-se um processo de negociação envolvendo as três instituições. Eu sou a relatora para o programa específico de execução do H2020.

A meu ver, existem quatro princípios fundamentais no H2020:

~ Em primeiro lugar, um sistema de financiamento baseado na

confiança. Um PQ mais simples, com menos instrumentos, juntamente com uma revisão radical da sua administração.

~ Em segundo lugar, uma cadeia desde a investigação de fronteira até ao desenvolvimento tecnológico, demonstração, valorização de resultados e de inovação. Um programa que vai contribuir para a competitividade da Europa. Maior participação da indústria, com ênfase especial nas PME.

~ Em terceiro lugar, o aumento substancial do orçamento para investigação e inovação.

~ E, finalmente, uma maior participação de jovens cientistas.

A estrutura do novo programa é certamente muito melhor em comparação com o FP7 e envolve um equilíbrio satisfatório entre três pilares: em primeiro lugar, excelência científica; Em segundo lugar liderança industrial e por fim, os desafios sociais.

~ Em primeiro lugar, um pilar orientado para a ciência - Aumentar a excelência na base científica. Isto irá cobrir:

a) O Conselho Europeu de Investigação;

- b) Tecnologias futuras e emergentes;
- c) Acções Marie Curie sobre competências, formação e desenvolvimento de carreira, e
- d) Estruturas de investigação europeias (incluindo infra-estruturas electrónicas).

~ Em segundo lugar, um pilar orientado para a indústria: Isto compreende:

a) Criação da liderança industrial em tecnologias de base, tais como:

- Tecnologias de Informação e Comunicação;
- Nanotecnologia, materiais, manufactura e processamento;
- Biotecnologia e
- Espaço.

b) Inovação nas PME, e

c) O acesso a financiamento de risco.

~ Em terceiro lugar, um pilar orientado para os grandes desafios sociais. Isso deve enfrentar os desafios de:

- a) Saúde, alterações demográficas e bem-estar;
- b) Segurança alimentar, agricultura sustentável e bio-economia;
- c) Energia segura, limpa e eficiente;
- d) Transporte inteligente, verde e integrado;

- e) Acção climática e eficiência de recursos, incluindo matérias-primas;
- f) Sociedades inclusivas e inovadora;
- g) Sociedades seguras.

As minhas contribuições específicas são as seguintes:

Em primeiro lugar, a *starway to excellence*; em segundo lugar, a **sinergia entre o Horizonte 2020 e os fundos estruturais** e finalmente a **Simplificação**.

Excelência e *Stairway to Excellence*

A proposta da Comissão põe ênfase na excelência e isso é algo com o qual eu só posso concordar. No entanto, eu queria reforçar a importância de encorajar as unidades embrionárias de excelência naquilo que chamamos a *stairway to excellence*. Isto irá promover o crescimento das unidades embrionárias de excelência, como pequenos grupos de investigação e novas empresas altamente inovadoras. Em termos concretos, isso deu origem a coisas como *twinning schemes* e *ERA chairs scheme*.

Sinergia entre o Horizonte 2020 e os fundos estruturais

A segunda área em que eu estive particularmente envolvida foi a da construção de complementaridade entre o Horizonte 2020 e

vários instrumentos financeiros europeus, nacionais e regionais. Os fundos estruturais são de importância fulcral a este respeito.

A crescente complexidade no campo da investigação científica requer massa crítica e equipamentos caros. Neste domínio a União Europeia pode fazer uma diferença real.

Para promover esses objetivos, precisamos de uma abordagem multi-fundos e do reforço das pontes que ligam o Horizonte 2020 e os outros fundos – em particular os fundos estruturais.

O Horizonte 2020 irá contribuir para avanços reais. No entanto, os fundos estruturais têm um papel complementar a desempenhar em relação ao que o Horizonte 2020 será capaz de fazer. A montante do Horizonte 2020, os fundos estruturais podem ser utilizados para a capacitação. A jusante do Horizonte 2020, os fundos estruturais podem ajudar a suavizar a passagem da concepção ao mercado. Ao mesmo tempo, eles também podem ser utilizados para co-financiar certos projectos.

Simplificação

Voltando agora à simplificação – da qual eu também fui relatora - esta é uma das minhas cruzadas e o Horizon2020 inclui a

maior parte das muitas recomendações que foram feitas no meu relatório de simplificação.

Estes incluem, entre outras recomendações:

- Um único conjunto de regras para todos os elementos do Horizonte 2020.
- Aceitação das diferentes práticas de contabilidade que os participantes já adoptaram nos seus respectivos países. Isso inclui o facto de que todas as partes envolvidas no H2020 são agora capazes de recuperar o IVA.
- Simplificação do *time recording system*.

Por fim, as novas regras devem facilitar o recrutamento de pessoal para as universidades, a fim de trabalhar em projetos Horizonte 2020. Felizmente, isso vai manter jovens investigadores.

Financiamento

O Parlamento Europeu propôs a duplicação do orçamento para o próximo Programa Europeu de investigação e Inovação em comparação com o actual programa, o que representa um aumento dos actuais €50 mil milhões para €100 mil milhões.

Este valor foi incluído numa emenda que eu apresentei e foi aprovada pelo Parlamento Europeu.

A Comissão Europeia avançou uma figura alternativa de €80 mil milhões como parte do pacote de orçamento pós-2013 de 7 anos. O próximo passo será encetar duras negociações com o Conselho e a Comissão.

Alguns países europeus apoiam o valor mais alto desse espectro. É de se esperar que outros governos sigam esta orientação especialmente os países com reputação de excelência académica.

EIT

O novo Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia deve ser visto como um modelo de referência. Ele vai introduzir uma nova forma de trabalhar.

Irà fornecer um novo padrão de parceria, na qual a indústria está envolvida em investigação e educação em todos os níveis - desde a sua governação, através de decisões estratégicas, para a concepção e implementação de operações.

Deixem-me explicar brevemente como o IET irá funcionar:

Através dos seus parceiros, vai realizar investigação, oferecer educação e criar inovação em tecnologia de ponta em áreas interdisciplinares. Mas as operações reais - a investigação, a educação, a inovação - funcionarão em parcerias estruturadas: nas Comunidades de Conhecimento e Inovação.

Estas comunidades são mais do que apenas redes. Elas vão estar legalmente constituídas, com ambientes de trabalho criados para atingir um objectivo de inovação.

As Comunidades de Conhecimento e Inovação (CCI) vão reunir empresas, universidades e centros de investigação.

As CCI centrar-se-ão em temas prioritários com elevado impacto social. Actualmente existem e CCIs: mitigação das alterações climáticas (Climate-KIC), Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC IET Labs), Energias Sustentáveis (InnoEnergy KIC).

O orçamento comunitário inicial de mais de €309 milhões

ajudou a lançar e vai continuar a apoiar o IET durante o período 2008-2013.

A Comissão decidiu intensificar significativamente o seu apoio para o IET, propondo um orçamento de €2,8 mil milhões para 2014-2020. As três CCI existentes: energia sustentável (InnoEnergy KIC), alterações climáticas (CCI Climáticas) e sociedade de informação e comunicação (TIC IET Labs), serão aumentadas para mais seis novas em 2014-2020.

Conclusões

Gostaria de concluir resumindo os principais pontos:

1) Em primeiro lugar, o sistema de ensino superior é fundamental na transição da Europa para uma economia baseada no conhecimento. No entanto, é necessário uma reestruturação em profundidade e uma modernização do sector para enfrentar a concorrência global em educação, investigação e inovação.

2) Em segundo lugar, a União Europeia tem um papel catalisador, dando um impulso político e financiamento específico para apoiar a reforma e modernização, com um impacto significativo sobre a qualidade e desempenho das

universidades. O Horizonte 2020 tem uma enorme importância estratégica para o desenvolvimento da inovação, da competitividade e, portanto, o emprego do espaço europeu.

3) Finalmente, o Instituto Europeu de Tecnologia deve ser visto como um modelo de referência para inspirar a mudança e aumentar o crescimento sustentável e a competitividade europeias, reforçando a capacidade de inovação da UE